**SOCIALIZANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DECOLONIAIS: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS ENTRE ESCOLA E UNIVERSIDADE NA CONTEMPORANEIDADE**

**Maria Betânia Gomes da Silva Brito**

Professora UFAL

E-mail: [maria.brito@arapiraca.ufal.br](mailto:maria.brito@arapiraca.ufal.br)

**Suzi Alves Silva**

Professora da rede municipal de Lagoa da Canoa/AL

E-mail:suzi.silva@arapiraca.ufal.br

**1 INTRODUÇÃO**

O trabalho aqui apresentado é o resultado de um evento realizado durante as atividades desenvolvidas ao longo da atividade curricular de extensão – ACE 2A e 2B ofertada aos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL no campus de Arapiraca. A partir dos diálogos construídos durante as oficinas ofertadas durante a ACE 2A, e diante da necessidade da turma 2B realizar um seminário que abordasse a importância de uma pedagogia afrocentrada no currículo escolar, construímos um momento de interação e integração entre a escola e a universidade.

Diante desse desafio abre-se a possibilidade de a professora Suzi Alves compartilhar com as estudantes da ACE 2B sua prática pedagógica e trazer aspectos inerentes a um trabalho docente antirracista e afrocentrado.

Assim, a apresentação dos resultados do projeto AFRICANIZANDO A ESCOLA: UM RESGATE DA ANCESTRALIDADE DE REIS E RAINHAS, realizado em uma sala durante o ano letivo de 2023 pela professora Ma. Suzi Alves, foi uma das atividades trazidas durante o evento desenvolvido no auditório da UFAL, essa apresentação cultural envolveu crianças do 1° ano A, também contamos com a participação dos/as estudantes da disciplina ACE 2B, coordenada pela professora Betânia Gomes, e a presença de mais três docentes das turmas dos anos finais, contamos também com a palestra do professor Dr. Luciano Amorim, com o tema "ESPERANÇAR É O VERBO: FALAS E TENSITURAS DE CRIANÇAS NEGRAS NO AGRESTE ALAGOANO", e finalizamos com uma experiência imersiva sobre música afro-brasileira que foi desenvolvida por um professor de música.

Ao longo das atividades as turmas foram recepcionadas com uma introdução a música popular brasileira a partir de sensibilização musical com foco em uma abordagem multi-instrumental, pois entendemos que para fortalecer os caminhos traçados e trilhados no chão da escola sob a perspectiva decolonial e antirracista se faz necessário e urgente promover experiências imersivas com o/a estudante com base em seu universo existencial.

Perante as temáticas apresentadas e diante da experiência vivida no decorrer da Atividade Curricular de Extensão - ACE 2A e 2B cursada durante o 6º e 7º Período do curso de Pedagogia da UFAL no Campus de Arapiraca/AL, apresenta-se a oportunidade e a necessidade de que se organize processos de intervenção na escola sob a perspectiva de trabalhar com esses temas.

Durante a organização do evento “Socializando práticas pedagógicas decoloniais: diálogos necessários entre escola e universidade na contemporaneidade”, buscamos estreitar as relações pedagógicas e promover um diálogo entre universidade e escola, na perspectiva de um currículo afrocentrado que adentre o ambiente escolar, pois de acordo com bell hooks, a sala de aula continua sendo um espaço em que podemos ofertar possibilidades mais radicais.

Mas, o pensamento racista enraizado na dimensão da subjetividade de muitos grupos que vivem dentro das escolas públicas brasileiras é uma perspectiva que impede a potencialidade de trabalhos nessa perspectiva, por isso esses temas precisam ser trabalhados com muita constância, pois o racismo está posto desde o processo de colonização europeia. Assim, ao refletir acerca da estética negra, concordamos com Munanga (2005, p.8) “[...] o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural”, que atravessam suas subjetividades forjando suas concepções de beleza.

Nesse sentido, a proposta que foi desenvolvida durante as atividades elaborados na ACE 2A, trouxe uma abordagem pedagógica fundada na perspectiva antirracista, que busca uma pedagogia decolonial, que não está focada no modo tradicional do professor que adota uma postura alienante onde o conteúdo trazido e a forma de repassar conduz a uma perspectiva controladora e alheia as realidades vividas pelos estudantes e demais membros da comunidade escolar. Segundo Silva (2022, p.03)

O conceito de pedagogia decolonial tem sido bastante estudado e utilizado nos últimos anos, sobretudo por pesquisadores latino-americanos, em cuja produção essa ideia parece ter se desenvolvido em mais larga escala e profundidade. Surgido a partir da dicotomia conceitual colonialidade/decolonialidade, marco de uma virada epistêmica que surge como resultado do processo de colonização moderno, a pedagogia decolonial diz respeito, como lembram Catherine Walsh, Luiz Oliveira e Vera Candau (2018), a uma intervenção política e pedagógica que resulta de um trabalho de politização da ação pedagógica: [...].

Nessa perspectiva, é necessário que haja uma ruptura com o currículo tradicional e se construa um currículo que busque as necessidades trazidas pelos estudantes, conversando com eles e havendo um enfrentamento dos preconceitos criados ao longo do processo histórico vivido. Um currículo onde a nossa origem enquanto povo que foi colonizado pelos europeus exploradores seja repensado e discutido, com foco em nossa origem numa perspectiva dialógico como defende Paulo Freire, a partir da valorização das culturas historicamente silenciadas.

É preciso compreender que o processo de colonização fez com que não tivéssemos a nossa real identidade colocada no centro do processo formativo, herdamos uma perspectiva pedagógica tradicional fundada sob a lei da catequese e da exclusão, uma abordagem que contribui efetivamente para que nos sentíssemos excluídos/as de uma realidade que era totalmente nossa, portanto, pode-se concluir o que foi aqui exposto através da reflexão feita por Santos (2022, p.57):

Os europeus, quando se depararam com culturas exógenas em seu processo de expansão, nada mais objetivaram que conquistar os povos encontrados pela via da destruição cultural ou do mero desprezo, aliado à estratificação assentada no rebaixamento social.

Contudo, diante das reflexões sobre a questão antirracista, do currículo afrocentrado, e da perspectiva decolonial, o objetivo desse trabalho é apresentar as atividades pedagógica que elaboramos, na perspectiva de promover uma experiência dialógica capaz de possibilitar a saída desse viés colonizador europeu em busca da nossa própria identidade, como perspectiva que viabiliza um currículo afrocentrado.

**2 OBJETIVOS**

A ação desenvolvida durante a ACE, teve como objetivo apresentar uma abordagem pedagógica na perspectiva antirracista, com foco na pedagogia afrocentrada. Em seguida traçamos alguns objetivos específicos, como: compartilhar com as discentes de pedagogia algumas atividades pedagógicas que focasse na literatura negra e africana; promover uma formação docente integrada as necessidades vividas no cotidiano das salas de aula do ensino fundamental e fortalecer aspectos inerentes a pedagogia antirracista.

**3 METODOLOGIA**

Do ponto de vista metodológico, esta proposta se baseia em uma investigação de natureza qualitativa “A pesquisa qualitativa não visa à quantificação, mas sim ao direcionamento para o desenvolvimento de estudos que buscam respostas que possibilitam entender, descrever e interpretar fatos. Ela permite ao pesquisador manter contato direto e interativo com o objeto de estudo” (Proetti, 2018, p.2). Nessa direção o trabalho parte de uma premissa fundamental, a importância de temáticas ligadas a diversidade étnico-racial, são fundamentais para que possamos inserir no currículo da escola uma formação que considere aspectos de uma educação afrocentrada como princípio norteador do planejamento escolar. Conforme afirma Silva (2022, p. 10):

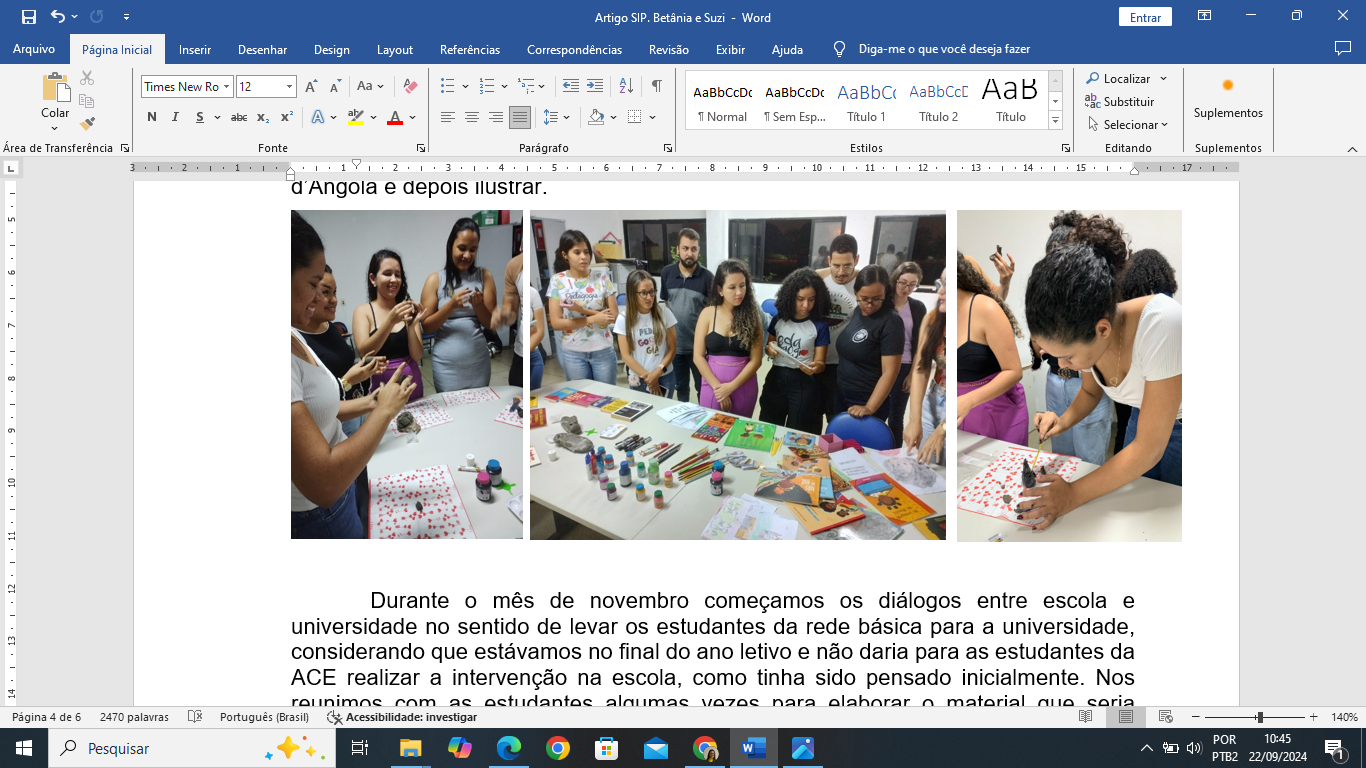
A defesa do princípio da Afrocentricidade nos currículos escolares passa, ao contrário, pelo reconhecimento da diversidade, que deveria ser a base conceitual, mas também empírica, da realidade educacional brasileira, em especial em uma realidade que tem na cultura um de seus conceitos rizomáticos. Sem ser uma panaceia para todos os males da educação – simbólicos e/ou reais, representados e/ou concretizados nos discursos pedagógicos –, o princípio da Afrocentricidade afirma-se como um movimento em direção à transformação do real, sobretudo em épocas de globalização excludente, de espetacularização do cotidiano e de aviltamento da ética.

Diante do desafio que é envolver a escola em uma discussão para além do que está posto formalmente na lei 10.639/2003. O percurso percorrido deu-se de maneira planejada e sistemática articulada com as necessidades apresentadas pela escola.

Aqui nos detemos a relatar as atividades que ocorreram durante a oficina que realizamos com a turma da ACE, e depois durante o evento que realizamos com as escolas parceiras.

Dentre as atividades realizadas durante a oficina, no primeiro momento focamos nos fundamentos de uma pedagogia antirracista e afrocentrada. Na segunda parte da oficina optamos pela contação da história “Bruna e a galinha d’Angola” de Gercilga de Almeida; e ao final elaboramos com os/as estudantes uma atividade com argila, em que a turma foi desafiada a moldar a argila, desenhar no formato da galinha d’Angola e depois ilustrar. Alguns registros dessas produções podem ser observados no mosaico da figura 1.

**Figura 1**- Produções da galinha d’Angola



Fonte- Arquivos da autora (2023).

Durante o mês de novembro começamos os diálogos entre escola e universidade no sentido de levar os estudantes da rede básica para a universidade, considerando que estávamos no final do ano letivo e não daria para as estudantes da ACE realizar a intervenção na escola, como tinha sido pensado inicialmente. Nos reunimos com as estudantes algumas vezes para elaborar o material que seria compartilhado com a crianças e os/as adolescentes, como: lanche na perspectiva afrocentrada, bonecas abayomi para entregar as turmas, provérbios que seriam trabalhados durante o evento e música que iríamos compartilhar com as duas escolas que foram escolhidas para estar conosco no campus durante a atividade que aconteceu no auditório do Campus de Arapiraca – UFAL.

A atividade foi organizada na perspectiva de uma abordagem curricular afrocentrada, com base em uma pedagogia decolonial centrada na construção da identidade cultural de um grupo. Como afirma Munanga, “diversidade cultural é um conceito construído ao longo da história da humanidade, sobretudo, por uma necessidade de construir memórias étnicas, e nos diz que a discussão surge da necessidade de um combate a supressão das identidades éticas dos povos latino americanos, segundo ele: “é através da educação que a herança social de um povo é legada às gerações futuras e inscritas na história”. (MUNANGA,1986, p. 23)

Assim, a identidade é um processo social que se alimenta de memória, e construir uma memória positiva é o passo inicial para que se estabeleçam as relações identitárias, possibilitando assimilar valores culturais antes negados e desconstruídos e então tomar consciência de si diante do mundo.

As escolas escolhidas foram selecionadas com base nos seguintes critérios: precisam desenvolver um trabalho voltado para formação humana numa perspectiva afrocentrada; os/as professores/as das turmas deveriam contribuir com o planejamento das atividades e apresentar resultados que demonstrassem um planejamento anual focado em temas relacionados às práticas antirracistas na escola. O trabalho seria com turmas do ensino fundamental, anos iniciais e anos finais.

Passamos algumas semanas elaborando todas as atividades desde as bonecas, o lanche, os provérbios, e os materiais para entregar as crianças, tudo produzido em parceria entre estagiárias, orientadas pela professora da ACE e com a participação e colaboração das professoras da escola.

O trabalho foi desenvolvido de maneira articulada e integrada, planejamos uma manhã de atividade com o tema: “Socializando práticas pedagógicas decoloniais: diálogos necessários entre escola e universidade na contemporaneidade”, com a seguinte programação: 1) apresentação da turma do 1º ano do fundamental organizada pela professora da escola com temas da África; 2) atividade de interação com as turmas do 8º ano (02 turmas) elaborada pelas alunas matriculadas na ACE 2B, a partir de provérbios africanos selecionado da série documental “Sankofa”, disponível no youtube; 3) roda de conversa com professor convidado para tratar o tema África e suas contribuições nas religiões de matriz africana; 4) atividade de integração com professor convidado para tratar sobre a música africana e suas contribuições na cultura brasileira; 5) Entrega das bonecas Abayomi confeccionadas por nós e pela professora da turma de 1º ano da escola; e encerramento com lanche coletivo e alimentos que representasse a culinária afro-brasileira.

**4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Consideramos que as ações realizadas em parceria com as escolas possibilitam a ampliação de um entendimento pedagógico que articula teoria e prática e desenvolve uma conscientização a respeito da problemática trabalhada, proporcionando uma experiência que vai além dos muros da escola, pois essa vivência permite uma comunicação importante entre escola, universidade e sociedade. Assim, por intermédio de trabalhos dessa natureza almejamos dialogar com as demandas reais da comunidade escolar e suas necessidades, para que os/as sujeitos/as consigam reconhecer e fortalecer sua identidade, sobretudo pelo fato de ainda existirem remanescentes quilombolas no agreste de Alagoas.

Mediante o exposto, convém destacar que a utilização de livros e/ou materiais didáticos afrocentrados, se potencializa a autovalorização da estética negra, sobretudo, da história dos povos africanos e em diáspora. Narrativas cheias de empoderamento negro a partir do enaltecimento das características físicas herdadas de seus ancestrais.

Sobretudo, por meio deste trabalho almejamos que a pedagogia decolonial, centrada num currículo afrocentrado, se materialize em forma de organização sistemática do currículo da escola. Possibilitando uma vivência de experiências que demonstrem a nossa real identidade, deixando de lado a pedagogia colonial onde não é possível acessar saberes ancestrais e fundamentais para a formação do povo brasileiro no contexto do agreste alagoano.

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pluralidade e diversidade que existe em nossa sociedade é algo que nos faz sermos um povo único. Contudo, é preciso reconhecer que em cada lugar podemos nos deparamos com diferentes etnias, culturas, costumes, gêneros e experiências de vida. Valorizar toda essa heterogeneidade é fundamental e importante, uma vez que cada pessoa possui sua forma singular de ser, mesmo que nossa forma de existência só se potencialize de forma coletiva.

Dessa forma, propiciar conhecimento e experiência sobre esse tema com a escola pública não só favorece a receptividade da informação, como também enaltece a diversidade, e enriquece nosso povo conduzindo-o a perspectivas e vivências variadas, pois é preciso que a formação inicial dos/as sujeitos/as que constitui a escola seja provocada, ou seja, é preciso pensar além do que foi “permitido”.

**REFERÊNCIAS**

ARROYO, Miguel Gonzáles. **A pedagogia multirracial popular e o sistema escolar.** In: GOMES, Nilma Lino (Org.). Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica 2007.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. **Desigualdades raciais na educação e a Lei 10639/03.** In: SOUZA, Oliveira (Org). Implementação das diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e o ensino da História e cultura afro-brasileira e africana na educação profissional e tecnológica. Brasília: MEC, SETEC, 2008.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – 1999. 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

PROETTI, sidney. **As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo.** Revista Lumen, São Paulo, SP, Brasil, 2018. p.2. Acesso em: 27 jan. 2024.

SANT´ ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. p.39 a 67. In.: MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECADI), 2005.

SANTOS, Ademir Barros dos. **Educação Africana: possibilidades pedagógicas.** Sankofa (São Paulo), v. 15, n. 26, p. 56-73, 2022.

SILVA, Maurício. Dossiê: Relações étnico-raciais: práticas e reflexões pedagógicas em contextos, espaços e tempos**. Educação afrocentrada como pedagogia decolonial no contexto educacional brasileiro.** Revista Práxis, Ponta Grossa, v. 17, e19343, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.17.19343.075>. Acesso em 14 de fev. 2024.